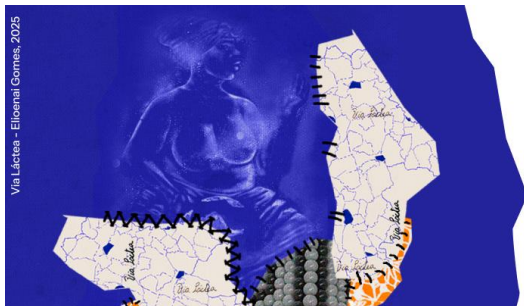




EXPERIÊNCIAS DE ENSINAR/APRENDER ARTES VISUAIS COM ESTUDANTES SURDOS NA U.T.E PROFº ASTÉRIO DE CAMPOS (BELÉM-PA)

EXPERIENCES OF TEACHING/LEARNING VISUAL ARTS WITH DEAF STUDENTS AT THE PROFESSOR ASTÉRIO DE CAMPOS TECHNICAL EDUCATION UNIT (BELÉM, PA)

Joel Ferreira da Silva¹

PROFARTES-UFPA/ SEDUC-PA

Daniely Meireles do Rosário²

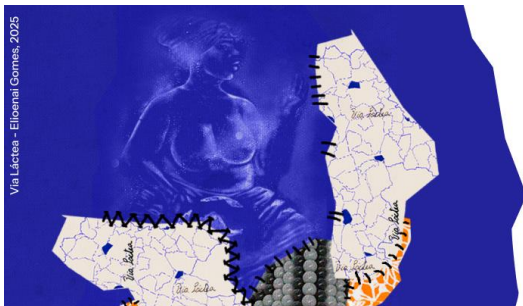
Universidade Federal do Pará/ Escola de Aplicação

Resumo: O presente artigo é parte de uma pesquisa de Mestrado Profissional em andamento, realizado no campo das Artes Visuais pelo Programa de Pós Graduação em Artes (ICA/UFPA/PROFARTES), que se constitui na relação entre ensino de Arte e educação inclusiva, realizada com estudantes surdos do 2º ao 8º ano do Ensino Fundamental I e II na Unidade Técnica Especializada Profº Astério de Campos da Secretaria Estadual de Educação em Belém do Pará. O recorte exposto aqui tem como objetivo geral apresentar algumas experiências no ensino/aprendizagem em Artes Visuais a partir de uma perspectiva inclusiva e bilíngue para a prática artística/estética na educação de surdos. E como objetivos específicos busca-se analisar a importância das pinturas figurativas como objetos pedagógicos para constituir aprendizagem, visando verificar formas didáticas e metodológicas adaptadas na prática do ensino de Artes Visuais em atividades de fruição e criação a partir do uso delas com estudantes surdos. Para tanto, os procedimentos metodológicos deste trabalho constituem-se a partir da pesquisa de campo e coletas de dados realizados na própria escola, combinados à observação participante, seguindo uma análise qualitativa dos dados para chegar a uma organização e montagem dos processos e práticas desenvolvidos. O referencial teórico encontra-se alicerçado em Barbosa (1991), Lacerda (2016), Mantoan (2016) e Rufino (2019, 2021), parceiros/as de caminhada e reflexões.

Palavras-chave: Artes Visuais; Ensino/aprendizagem; Educação Inclusiva; Recursos didáticos.

¹ Professor de Artes Visuais da Secretaria Estadual de Educação do Pará. Possui Licenciatura em Artes Plásticas. Especialização em Educação, Cultura e Organização Social, Educação Especial e Libras. Atualmente é discente do Mestrado Profissional em Artes (ICA/UFPA – Rede ProfArtes). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3840865945047067>.

² Artista visual e Professora de Artes Visuais da Escola de Aplicação/UFPA. Possui Licenciatura em Artes Plásticas, Mestrado e Doutorado em Artes. Também atua no corpo docente do Mestrado Profissional em Artes (ICA/UFPA – Rede ProfArtes) e no Curso de Graduação em Artes Visuais (PARFOR). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2813836419048179>. Orcid: 0000-0002-6993-1781.



Abstract: This article is part of a Professional Master's research project in the field of Visual Arts, which focuses on the relationship between art education, inclusive education, and bilingual approaches, conducted with deaf students in grades 2 through 8 of Elementary School I and II at the Prof. Astério de Campos Specialized Technical Unit of the State Department of Education in Belém, state of Pará. The general objective of this study is to present some experiences in teaching/learning visual arts from an inclusive and bilingual perspective for artistic/aesthetic practice. In addition, it also aims to analyze the teaching resources used through activities of enjoyment and creation based on artistic images. To this end, the methodological procedures of this work were based on field research and data collection carried out at the school itself, combined with participant observation, following a qualitative analysis of the data to arrive at an organization and assembly of the processes and practices developed. The theoretical framework is based on Barbosa (1991), Lacerda (2016), Mantoan (2016), and Rufino (2019, 2021), partners in journey and reflection.

Keywords: Visual Arts; Teaching/learning; Inclusive Education; Teaching resources.

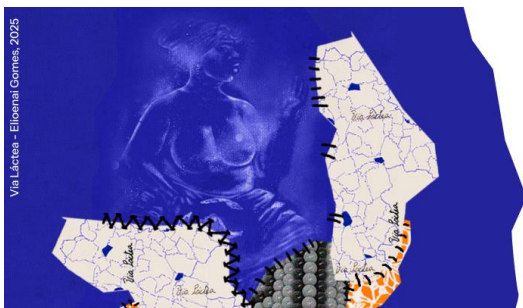
1. INTRODUÇÃO

Unidade Técnica Especializada Prof^o Astério de Campos, escola bilíngue de surdos da Secretaria Estadual de Educação, no município de Belém, no Pará. Local onde trabalho. Lugar de acolhimento, do aprendizado, da Libras, dos estudos sinalizados, das interações entre ouvintes e surdos, do aconchego no salão depois do almoço, da alegria dos encontros, das brincadeiras... Nesse lugar, adquiri as minhas primeiras experiências de ensinar/aprender Artes Visuais com estudantes surdos.

Um dos meus desafios iniciais ao começar a trabalhar nessa escola foi ter que aprender Libras³. Lembro que, andando sobre um chão de cimento pintado, com uma certa insegurança e com as mãos meio descoordenadas, tive que treinar e fazer as primeiras sinalizações dessa língua para conduzir as aulas de Arte com os estudantes surdos nas salas de aula da unidade.

Subindo e descendo escadas da U.T.E. Prof^o Astério de Campos, carregando materiais artísticos e reproduções de obras de arte, entrava nas salas de aula e junto com os estudantes surdos envolvia-me em várias ações pedagógicas e projetos educativos, vivenciando momentos de ensino/aprendizagem de Artes Visuais que

³ Libras é a sigla para Língua Brasileira de Sinais, a língua natural das comunidades surdas no Brasil. Ela possui estrutura gramatical própria e é reconhecida oficialmente como meio legal de comunicação e expressão no país, conforme a Lei nº 10. 436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005.



resultavam em grandes interações artísticas. Em certos momentos, havia a integração com professores de outros componentes curriculares para a realização de determinadas ações pedagógicas, por meio de atividades interdisciplinares- recortes de recordações da minha trajetória, construída com os estudantes surdos da Unidade Técnica Especializada Profº Astério de Campos, meu lugar de pertencimento pedagógico.

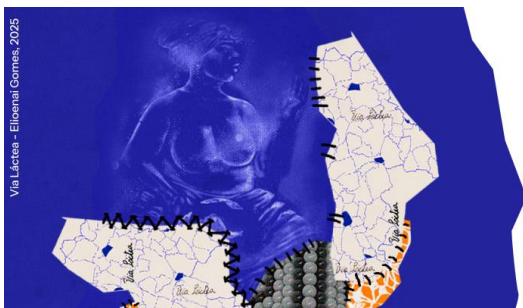
Nesta descrição, estão presentes alguns pedaços de momentos vividos com os estudantes surdos, que representam o percurso realizado e o processo de constituição da minha individualidade como professor de Artes Visuais que caracterizam a minha pessoa na realidade dessa escola. Tenho na memória, recordações que não se apagam.

Logo que comecei a trabalhar na escola, recordo da aflição em ter que criar recursos didáticos adaptados para realizar as aulas de Arte com os estudantes surdos. Os recursos didáticos, tinham que ser elaboradas tendo que integrar a palavra em língua portuguesa, os sinais da Libras e a imagem, buscando desenvolver a proposta bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) que é preconizada pela escola.

Para tanto, no intervalo de uma aula e outra sentava ao redor de uma mesa de madeira na sala dos professores e começava a fazer pesquisa no Capovilla⁴ para elaborá-las com base em sinais de libras, entendendo que na educação de surdos numa perspectiva bilíngue, como tão bem nos diz Lacerda (2016), a aprendizagem se constitui na medida que os estudantes surdos são levados a aprender a partir do uso da Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua.

Entre as diversas experiências de ensinar/aprender vividas no cotidiano da escola, não me cansava de observar os movimentos e as atitudes dos estudantes surdos. Buscava ficar sempre atento à forma como eles se comunicavam e se relacionavam entre si, comigo e com os outros professores. Seus olhares, seus gestos, suas alegrias, suas angústias. Observava também as suas formas de aprender, de ser e de viver no ambiente escolar. Com os estudantes surdos, os

⁴ Capovilla é o nome de um dos autores do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) -uma das obras de referência mais importantes para a Libras no país. Essa obra é mencionada pelo nome desse autor, Fernando C. Capovilla um dos principais pesquisadores brasileiros na área da surdez e da psicologia da linguagem.



compartilhamentos de afetos e saberes que se teciam entre nós, ganhavam forma de expressão, ou por meio de um abraço caloroso e respeitoso nos corredores da escola ou na produção de um trabalho artístico.

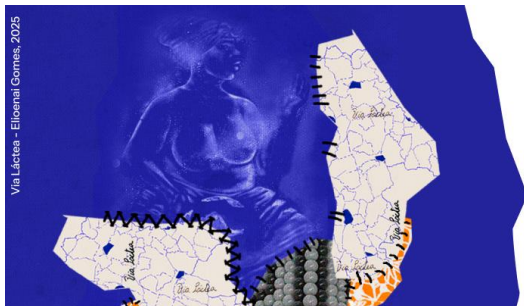
Na pesquisa em andamento os estudantes surdos são considerados como *coautores*. Seus saberes, experiências e fazeres são valorizados para que as experiências de ensino/aprendizagem de Artes Visuais na escola aconteça. Desse modo, provocando a percepção desses estudantes por meio de reproduções de obras de Arte, busquei desenvolver experiências de aprendizagem por meio da imagem artística (pinturas figurativas) e a produção de recursos didáticos adaptados a partir delas.

O trabalho foi desenvolvido com estudantes surdos da escola que possuem entre 6 e 15 anos, pertencentes do 2º ao 8º ano do Ensino Fundamental I e II – com um quantitativo de 02 a 04 estudantes por série em seus horários de aula regulares. As pinturas figurativas foram utilizadas para favorecer o desenvolvimento da percepção estética, com vistas a otimizar os recursos didáticos e procedimentos metodológicos para o (des)envolvimento de uma percepção mais sensível de mundo e a compreensão das artes visuais e suas diversas possibilidades de criação.

2. EVIDÊNCIAS DA RELAÇÃO ARTE/EDUCAÇÃO E ENSINO INCLUSIVO

Na construção das experiências pedagógicas e artísticas na Unidade Técnica Especializada Profº Astério de Campos com os estudantes surdos emergiram no contexto das nossas vivências com imagens artísticas alguns termos que ganharam corpo nas aulas de Arte no sentir e no olhar a partir de nossas interações e compartilhamentos de saberes e afetos.

Nessas interações que foram se dando com as mãos por meio de sinalizações, com os olhos atentos e com os corpos presentes nas salas de aula, o ensino/aprendizagem de Artes Visuais ganhava forma e a imagem artística passou a ser ponte, paisagem e caminho, traduzindo emoções, provocando sensações, instigando perguntas e permitindo que a surdez não seja entendida como ausência, mas como outra forma de presença no mundo. Pois, como nos diz MANTOAN (2016),



com os estudantes surdos aprender exige escuta visual e empatia para compreender que a linguagem se expande para além da expressão falada num sentar juntos para construir conhecimentos, buscando a igualdade de oportunidades na sala de aula.

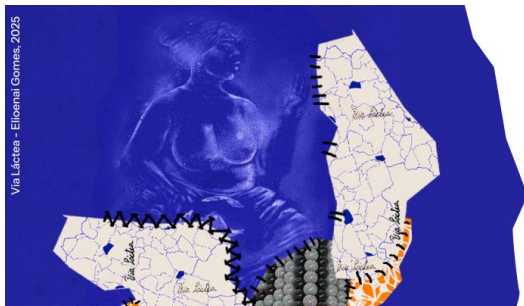
As práticas de ensino de Artes Visuais com os estudantes surdos, basearam-se nos três eixos (a leitura, a contextualização e o fazer artístico) de aprendizagem artística preconizada por BARBOSA (2010), que compõe a abordagem triangular e delimitam claramente conjuntos possíveis de ações complementares interconectadas para a aprendizagem artística/estética na utilização da imagem artística.

Ao desenhar, pintar, ler e buscar informações sobre as Artes Visuais no processo de construção do trabalho nas aulas de Arte, os estudantes surdos não apenas produziram representações artísticas, mas foram envolvidos com pinturas para que buscassem a produção de sentidos sobre o mundo, pensamentos e compreensões múltiplas da realidade.

O levantamento bibliográfico da pesquisa em andamento, permitiu fazer uma análise inicial, buscando a compreensão acerca de um conceito de educação que sustentasse as ações pedagógicas. O conceito então que fundamentou as ações é de Luiz Rufino, capoeirista, pedagogo e pesquisador carioca, que parte da ideia da educação como *força de batalha e cura*, numa perspectiva que articula educação, ancestralidade, resistência e reinvenção, construindo reflexões a respeito da educação como um instrumento de luta contra as opressões ainda existentes no âmbito da convivência escolar.

Em RUFINO (2021) a educação é vista como uma dimensão de embate e disputa de diferentes forças, onde os seres humanos produzem saberes que geram resistências diante das formas de dominação, sendo possível compreendê-la sentindo poesia por meio de sua forma poética de dizer que ela é um:

Radical vivo que monta, arrebatada e alumbrada os seres e as coisas do mundo. Fundamento assentado no corpo, na palavra, na memória e nos atos. Balaio de experiências trançadas em afeto, caos, cisma, conflito, beleza, jogo, peleja e festa. Seus fios são tudo aquilo que nos atravessa e toca. Encantamento de batalha e cura que nos faz como seres únicos de inscrições intransferíveis. Repertório de práticas miúdas, cotidianas e contínuas que serpenteiam no imprevisível e roçam possibilidades para plantar esperanças, amor e liberdade. (Rufino, 2021, p. 5).

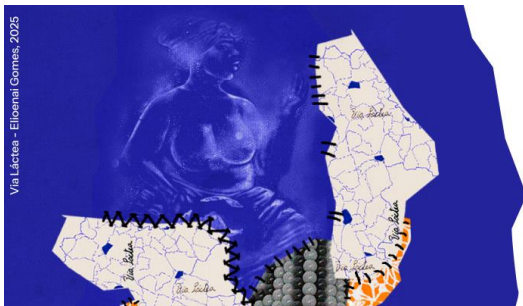


Nesse sentido, educar é buscar uma vida contra o apagamento de memórias e corpos historicamente silenciados. A “batalha” é entendida como simbólica e real. É travada na realidade da escola, na criação e vivência de saberes e disputas por espaços e visibilidades. Ao mesmo tempo, o autor propõe a educação como um caminho para buscar a “cura” que carrega um sentido relacionado à renovação e transformação coletiva, ancestral, possibilitando a reconstrução subjetiva e comunitária ampliando o entendimento de que educar é, no sentido simbólico da palavra, restaurar dignidades e reconstruir mundo possíveis.

Da mesma forma, buscou-se um conceito de educação inclusiva. Nessa perspectiva MANTOAN (2023), possibilitou a compreensão de que esta pode ser entendida como todas as práticas de compartilhamentos de saberes que se constituem por meio de sociabilidades e interações humanas fundamentadas na ideia de que todos podem estar juntos para aprender com igualdade de condições e com respeito às suas particularidades.

O termo (Educação inclusiva) segundo essa teórica carrega em si um significado amplo e empático que vai além do simples abrir a porta das instituições educacionais para que as pessoas entrem com suas diferenças. Abrangendo questões relacionados a raça, gênero, condição social, religião, entre outras, fundamentando-se na ideia de que a diferença não é um impedimento, mas uma potência para se repensar o que é considerado “normal” ou “padrão”, partindo de formas de tratar, ensinar e aprender baseadas na escuta e valorização do outro, sendo necessário reconhecer que determinadas dificuldades de aprendizagem ou impedimentos sensoriais, cognitivos de alguns estudantes não são apenas deles, mas provenientes, em grande parte do modo como as práticas de ensino são conduzidas pelo professor e de como a aprendizagem é concebida e avaliada.

No que tange aos estudantes surdos, a política educacional e as práticas de ensino numa perspectiva bilíngue, devem se constituir a partir do diálogo com dois documentos oficiais: Lei nº 10.436/2002 e o Decreto 5.296/2004, que garantem como direito dos estudantes surdos o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de expressão e comunicação.



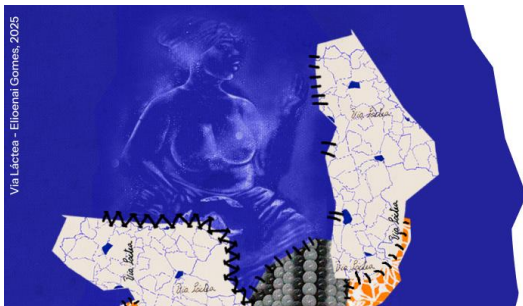
Para tanto, considera-se que, inicialmente, esses estudantes, devem desenvolver a aprendizagem da língua de sinais como primeira língua (L1) e a (L2) como segunda língua nas relações sociais estabelecidas na escola. Ademais, os profissionais da educação devem ter preparo metodológico e didático para garantir a constituição dessa aprendizagem. Uma vez que, possuem também o direito ao intérprete de Libras garantido para dar o suporte linguístico necessário no contexto escolar de acordo com o Decreto 12.319/2010.

Portanto, com base nas publicações consultadas acerca dos aspectos da surdez e a educação na perspectiva bilíngue com estudantes surdos, foi possível perceber que os processos de ensinar/aprender com estudantes surdos devem ser construídos sobre bases acessíveis, tendo a Língua brasileira de sinais (Libras) como primeira língua (L1) e o português escrito (L2) como segunda como tão bem diz (LACERDA, 2016).

A abordagem bilíngue contribui com a eliminação de visões reducionistas que tratam o surdo apenas pela ótica médica, valorizando-o como um ser humano de direitos, que produz conhecimento e que é integrante de uma comunidade com formas de expressão e comunicação próprias. Pois, ao articular aspectos sociais, culturais, linguísticos e pedagógicos, a perspectiva de educação bilíngue amplia oportunidades, fortalece vínculos e contribui com o desenvolvimento da inclusão na prática artística/estética, fazendo que a escola seja um espaço onde as diferenças não sejam barreiras, mas potências para o aprendizado.

3. IMAGENS PARA VER E OUVIR COM OS OLHOS

A vontade de realizar a pesquisa em andamento na U.T.E. Profº Astério de Campos é proveniente de duas questões que surgiram a partir das situações vividas com os estudantes surdos nos processos de ensinar/aprender Artes Visuais com estudantes surdos. A primeira delas refere-se à dificuldade que esses estudantes apresentaram em processos de fruição e práticas artísticas para atribuir significados além dos aspectos perceptivos/visíveis relacionados às pinturas utilizadas em sala de



aula nas aulas de Arte, demonstrando apenas habilidades para fazer descrições visuais das mesmas.

A segunda questão corresponde à dificuldade de acessibilidade inerente ao recurso didático, pois percebi que na U.T.E Profº. Astério de Campos não se encontra materiais pedagógicos adaptados com imagens artísticas, esquemas, publicações, ilustrações ou gêneros das Artes Visuais, entre outros, com descrições, legendas e traduções em Libras.

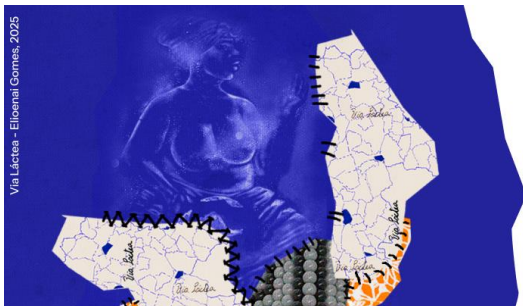
Diante dessas duas questões observadas nas vivências pedagógicas com o lugar e com os estudantes surdos, optei por começar a criar meu próprio recurso didático adaptado a partir da pintura *Abaporu* (1928), de Tarsila do Amaral. O primeiro deles foi um jogo didático interativo, que continha um manual de acessibilidade e formas sinalizadas como uma alternativa pedagógica acessível para contribuir com o desenvolvimento de aprendizagem na perspectiva inclusiva e bilíngue.

Figura 1 – Imagem utilizada (*Abaporu*, 1928) e experiência com jogo interativo



Fonte: O Autor

Na escolha da imagem artística, considerei alguns critérios relacionados a três aspectos, tais quais: aspecto pedagógico, visual e comunicacional para utilizá-las. No que se refere ao aspecto pedagógico, a utilização da pintura relaciona-se à sua natureza visual e descritiva que a torna uma linguagem acessível e significativa nas aulas de Arte com os estudantes surdos, uma vez que encontram facilidade em



aprender por meio da imagem (experiência visual), possibilitando com isso a valorização de suas singularidades e potencialidades.

Ademais, os aspectos visual e comunicacional da pintura dialogam diretamente com as formas de percepção e comunicação dos estudantes surdos, pois, suas experiências no mundo são predominantemente construídas por meio da visão. Fato que abre perspectiva para estudar o desenvolvimento da aprendizagem inclusiva de maneira mais natural, acessível e significativa, possibilitando a produção dos meios mais adaptáveis e eficientes para instigar a expressão e comunicação de ideias, bem como a cognição nos envolvimento pedagógicos nas aulas de Arte.

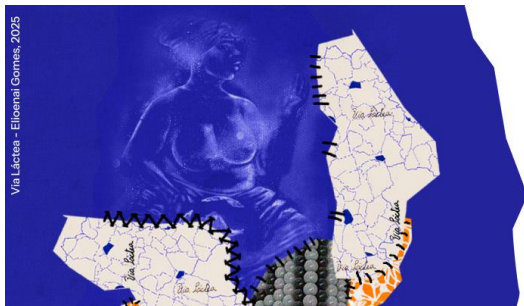
A pintura *Abaporu* (1928) de Tarsila do Amaral, ainda foi mote para outra experiência em Artes Visuais, voltada especificamente para a produção de uma performance coletiva com os estudantes surdos da escola.

Figura 2 – Momentos de discussão e ensaio sobre a performance coletiva



Fonte: O Autor

A construção dessa performance, integrou professores de diversos componentes curriculares da U.T.E Profº Astério de Campos, objetos de conhecimento do campo das artes visuais, temas, tarefas, materialidades diversas e técnicas artísticas, estimulando processos criativos, sociabilidades e interações, por meio de vivências artísticas/estéticas e ações interdisciplinares muito envolventes.



A utilização da pintura Abaporu (1928) nas aulas de Artes Visuais com os estudantes surdos, resultou numa releitura artística (performance) construída através de vários momentos e movimentos de ensinar e aprender nas salas de aula da escola que geraram experiências de aprendizagem significativas.

A performance como uma experiência de aprendizagem e resultado das diferentes vivências artísticas/estéticas construída com os estudantes surdos a partir da pintura Abaporu (1928) de Tarsila do Amaral na U.T.E. Profº Astério de Campos, se estendeu para além dos muros da escola em um ato público numa das principais avenidas da cidade de Belém. O ato performático buscou provocar reflexões referentes à questões relacionadas à inclusão das pessoas com deficiência na sociedade, a necessidade da convivência social pautada em valores humanos saudáveis e o debate de políticas afirmativas para a mudança de comportamentos e atitudes em relação a educação de surdos, buscando discutir um ensino de Artes Visuais mais inclusivo nas escolas e a visibilidade dos estudantes com deficiência.

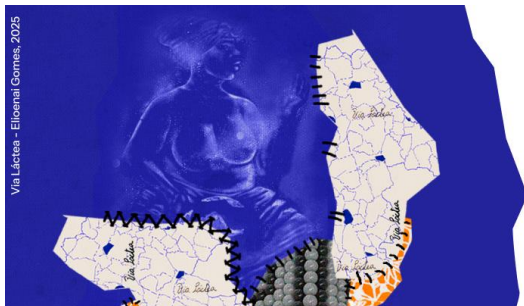
Figura 3: Momento de apresentação da performance



Fonte: O autor

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

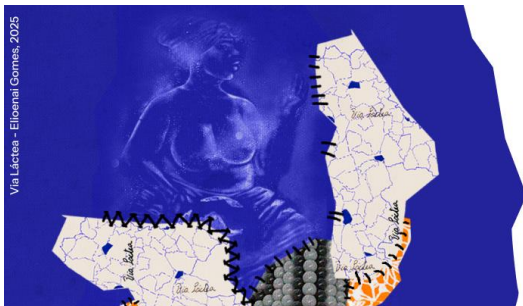
Com base nos objetivos da pesquisa em andamento, desenvolvida na U.T.E. Profº Astério de Campos, que busca apresentar experiências no ensino/aprendizagem



em Artes Visuais a partir de uma perspectiva inclusiva e bilíngue, é possível evidenciar por meio das práticas educativas no contexto da escola, protagonismo estudantil, engajamento para resolução de problemas, integração social e autonomia dos estudantes surdos nas ações artísticas propostas a partir do uso da pintura nas aulas de Arte.

Ademais, ao analisar a importância das pinturas como objetos pedagógicos para constituir aprendizagem na criação de formas didáticas e metodológicas adaptadas na prática do ensino de Artes Visuais em ações de fruição e criação a partir do uso delas, é possível perceber também que a criação de recurso didático adaptado a partir da obra de Arte em processos de ensinar/aprender Artes Visuais, contribuiu com o desenvolvimento da compreensão e do conhecimento artístico/estético quando a Libras é utilizada por meio de ações interconectadas entre o fazer artístico, a leitura e a contextualização da imagem na sua construção e experimentação, possibilitando a acessibilidade comunicacional nesses processos, o pertencimento e a identidade dos estudantes surdos.

Para tanto, vale ressaltar que ensinar/aprender Artes Visuais na educação de surdos somente é acessível, quando a prática educativa se constitui em torno da Libras, da imagem e da Língua Portuguesa de forma integrada na perspectiva bilíngue, com mãos sinalizando e olhos atentos para adentrar no universo das possibilidades de interpretação e criação artística junto com pessoas que apenas ouvem o silêncio ao olhar para obras de Artes.



REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez, 2010.
- LACERDA, Cristina; SANTOS, Lara; MARTINS, Vanessa. Escola e diferença: Caminhos para a Educação Bilíngue de Surdos. São Carlos, 2016.
- MANTOAN, Maria. “Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. Ed: UFSCar, 2016.
- RUFINO, Luiz. Vence demanda: Educação descolonização. Rio de Janeiro: Mòrula, 2021.
- RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mòrula, 2019.